

Notas de Livros

CHARTIER, Roger & ROCHE, Daniel. "O livro; uma mudança de perspectiva". In: Le Goff, Jacques & Nora, Pierre, ed. *História: novos objetos*. Trad. de Terezinha Marinho. Rev. técnica de Gadiel Perruci. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976, p. 100-115 (Col. Ciências Sociais).

Esta breve contribuição a uma obra coletiva editada na França há dois anos deve ser lida e meditada pelos professores de História do Livro, matéria para a qual, como dizem os autores, os progressos do método quantitativo abriram novas perspectivas.

Roger Chartier e Daniel Roche são professores de História na Universidade de Paris: uma História voltada para novos problemas, novas abordagens, e novos objetos.

No capítulo que escreveram para a obra coletiva agora tão oportunamente publicada no Brasil, eles expõem o estado atual das pesquisas sobre tipografias, editores, bibliotecas e livrarias francesas dos séculos XVII e XVIII. Pesquisas precedidas, quanto ao século XVI, pelas de Lucien Febvre e H.J. Martin e das quais resultou a obra notável que é *L'apparition du livre* (1957).

Partindo da premissa de que o livro, enquanto mercadoria produzida, trocada ou vendida, não escapa aos fluxos da conjuntura (p. 101), os autores examinam a evolução temática da produção impressa e do seu consumo, através de um levantamento das tipografias e livrarias da época estudada.

Não entendo porque os bibliotecários brasileiros ainda não exploraram esse rico filão. A história social das tipografias e das livrarias brasileiras há de se fazer através de monografias locais, como a de Berbert de Castro para a Bahia. Salvo engano, somente Rubens Borba de Moraes e o saudoso Orlando da Costa

Ferreira se preocuparam, entre nós, com a importância histórico-social das nossas tipografias, livrarias e gabinetes de leitura. O estudo supra referenciado vale também como sugestão aos nossos futuros Mestres e Doutores em Biblioteconomia.

(Edson Nery da Fonseca — Universidade de Brasília).

Federação Internacional de Associações de Bibliotecários. Seção de Bibliotecas Públicas. *Normas para bibliotecas públicas*. São Paulo, Quiron; Brasília, INL, 1976. 52 p. Cr\$ 10,00.

Desde 1956 a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários (FIAB-IFLA) vem estudando normas que possibilitem a organização de serviços bibliotecários visando, principalmente, os países em desenvolvimento no que tange o planejamento e manutenção de serviços de bibliotecas públicas. O texto ora publicado é uma tradução — feita pelo Prof. Antônio A. Briquet de Lemos, do Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília — do original publicado em 1973 pela IFLA (*Standards for public libraries*. Munchen, Verlag Dokumentation, 1973. 53 p. ISBN 3-7940-4310-3). A obra contém as seguintes seções: manifesto da Unesco sobre a biblioteca pública, a necessidade de normas, unidades de administração e serviço, normas para coleções, normas para grupos especiais, normas para pessoal, normas para edifícios, materiais audiovisuais e respectivo equipamento e serviços bibliotecários para crianças. Em 1974 a Asociación Nacional de Bibliotecários, — Archiveros y Arqueólogos — ANABA publicou a versão espanhola (*Normas para bibliotecas*. Madrid, ANABA, 1974). Assim, o lançamento das normas da IFLA em português constituirá um marco na literatura biblioteconômica brasileira.

Há muito que os bibliotecários brasileiros vêm clamando diretrizes que possibilitem um diálogo com as autoridades no sentido de mostrar quais as condições mínimas para instalação de bibliotecas públicas. O INL desde sua criação vem distribuindo livros para as bibliotecas do interior e, segundo palavras de seu atual diretor, "cerca de duas mil e cem recebem assistência técnica e bibliográfica" (p. ix) daquela instituição. Entretanto, sabemos que várias dessas bibliotecas são, na verdade, guardadas em armários fechados na prefeitura ou mesmo no gabinete da diretora da escola municipal. Ao publicar esta

importante obra, em regime de co-edição, o INL irá se comprometer, direta e indiretamente, daqui para frente, em tentar melhorar a qualidade do nível das bibliotecas públicas interiores. Pois, não basta somente criar bibliotecas, há necessidade, principalmente, de que as mesmas tenham um mínimo de eficiência e que proporcionem de fato "o livre acesso aos registros dos conhecimentos e das idéias do homem e às expressões de sua imaginação criadora" (manifesto da Unesco, p. 1).

Devido as disparidades regionais brasileiras é claro que as normas não poderão ser adotadas "in totum", mas não há dúvida que servirão como indicativos dos requisitos que deverão ser seguidos, levando-se em conta os recursos financeiros e humanos existentes nos diversos municípios brasileiros. Tendo em vista a evolução da maturação cultural brasileira, a partir de agora as bibliotecas públicas deverão ser olhadas como componentes importantes do equipamento urbano, tão necessárias como o hospital, a escola ou mesmo o estádio de futebol.

(Murilo Bastos da Cunha — Ministério das Minas e Energia, Brasília).

IREBI; Indices de Revistas de Biblioteconomia. Nº 10, mayo 1976. Madrid, Oficina de Educación Iberoamericana, 1976. 130 p.

Em colaboração com o Centro de Documentación Bibliotecológica de Bahía Blanca (Argentina) e com o Instituto Bibliográfico Hispánico de Madrid, a Oficina de Educación Iberoamericana divulga quadrimestralmente reproduções fotográficas dos sumários de revistas de biblioteconomia, bibliografia, documentação, arquivística e ciência da informação, publicadas em todo o mundo. O número 0 corresponde ao primeiro quadrimestre de 1973, vendo-se pelo número supra referenciado que a publicação continua exemplarmente em dia.

Trata-se de uma idéia muito feliz de Carlos Victor Penna, como consultor da Oficina de Educación Iberoamericana. Reproduzindo os sumários de mais de 200 revistas, o *IREBI* presta aos bibliotecários um serviço excepcionalmente valioso. Pois ainda que fosse possível encontrar tantas publicações numa só biblioteca, ninguém teria tempo suficiente para consultar cada uma delas. E o serviço da Oficina de Educación Iberoamericana se desdobra com a oferta de reprodução fotográfica e tradução

ao espanhol de qualquer artigo, tanto quanto com informações bibliográficas e serviço de fichas para determinados perfis individuais de pesquisas.

Para o autor da presente recensão, o *IREBI* tem sido sempre utilíssimo; cada número é aguardado com ansiedade, recebido com alegria e utilizado com proveito. Este, porém, é consideravelmente reduzido pela frustração de não encontrar nas bibliotecas de Brasília — tão luxuosas nas instalações quanto pobres nos acervos — os periódicos procurados.

Só uma restrição pode ser feita ao *IREBI*: a de que seu título e subtítulo deveriam ser *SUREBI*; *Sumários de Revistas de Bibliotecologia*. Pois o que a publicação reproduz são *sumários* e não *índices*. É inadmissível que um órgão especializado contribua para aumentar a confusão entre as duas palavras. *Índice*, em qualquer língua, é uma relação, em ordem alfabética, de nomes (antroponímicos, toponímicos, biblionímicos) e temas citados ou tratados numa publicação avulsa ou periódica. Há um consenso universal em torno disso, tanto que, das 66 revistas que figuram no número supra referenciado, apenas uma usa a palavra *índice*: *O Quarterly Bulletin of the International Association of Agricultural Librarians & Documentalists* (p. 101). Dentre 65 publicações, 30 preferem *contents* (ou *contenido* em espanhol e *tartalom* em húngaro), 10 preferem *sumário* (ou *sommario* em italiano e *sommaire* em francês) e 11 *tábua de matérias* (ou *table de matières* em francês, *table of contents* em inglês e *tabla de materias* em espanhol.) As demais contornam o problema, deixando sem título a página em que indicam a matéria de cada número.

As normas brasileiras números 62 e 85 consagraram a palavra *sumário* (cf. *Normalização da documentação no Brasil*, 2. ed., 61-63 e 65-67). Aurélio Buarque de Holanda prefere *Índice de matéria*, que define como "aquele em que as partes, capítulos, etc., aparecem na mesma ordem em que estão no livro", mas acrescenta como sinônimos: "Índice sinóptico, índice sistemático, conteúdo, sumário, tábua de matérias" (cf. *Novo dicionário da língua portuguesa*, p. 763). Pelo último sinônimo indicado por mestre Aurélio já se havia definido uma autoridade tanto em linguística quanto em bibliologia. Refiro-me ao ensaísta e crítico Antônio Houaiss, para quem "a tábua de matéria deve distinguir-se claramente das outras partes remissivas do livro" (cf. *Elementos de bibliologia*, v. II. p. 62).

(Edson Nery da Fonseca — Universidade de Brasília).

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. *Cerrado: bibliografia analítica*. Brasília, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Departamento de Informação e Documentação, 1976. 361 p.

Ao contrário da bibliografia geral, que tem de ser exaustiva e sinalética, a bibliografia especializada, pela própria conveniência dos pesquisadores a que se destina, deve ser seletiva e analítica. Seria muito fácil ao professor Antônio Agenor Briquet de Lemos referenciar tudo o que se publicou, no Brasil e no mundo, sobre o cerrado. Referenciar e divulgar a bibliografia, deixando os pesquisadores perdidos na "selva selvaggia" das referências a documentos que não sabem se devem ou não consultar.

Difícil, porém, deve ter sido o trabalho de selecionar a documentação relevante e resumir cada conteúdo.

Dessa tarefa resultou uma bibliografia de real valor científico e tecnicamente modelar. Com a colaboração do engenheiro-agrônomo Aloízio de Arruda Pinto, o professor Eriquet de Lemos apresenta 766 verbetes nos quais as referências bibliográficas são completadas com resumos e indexadas por autores e assuntos específicos, incluídos entre estes os nomes científicos de animais e vegetais.

Os verbetes estão alfabeticamente classificados por cabeçalhos (alguns dos quais adequadamente subdivididos) que mostram como o cerrado é um assunto multidisciplinar: Agronomia (compreendendo as culturas de algodão, amendoim, arroz, batata-doce, batatinha, café, feijão, milho, soja e trigo, forrageiras e pastagens em geral, tanto quanto gramíneas e leguminosas, em particular, além de fruticultura, irrigação, drenagem e olericultura), Botânica Geral e Sistemática, Climatologia e Meteorologia, Ecologia Animal, Ecologia e Fisiologia Vegetais (Relações edáficas e hídricas), Economia e Desenvolvimento Agrícolas, Fitogeografia (Florística e Distribuição), Fitopatologia (inclusive Fungos), Fitoquímica, Genética e Melhoria de Plantas, Geomorfologia e Hidrogeologia, Morfologia e Anatomia Vegetais, Nutrição Animal, Organização da Pesquisa, Palinologia, Reuniões, Simpósios e Conferências, Silvicultura e Reflorestamento, Solos (Conservação, Fertilidade, Física e Química, Gênese e Classificação), Levantamentos, Microbiologia.

Parece-nos que, na ordenação dos verbetes sob cada um dos cabeçalhos supra indicados, o critério cronológico seria mais útil e sugestivo do que o onomástico, adotado pelo compilador. O arranjo cronológico contribui para a história bibliográfica de cada ciência ou matéria. No caso da Ecologia e Fisiologia Vegetais do Cerrado, por exemplo, o trabalho de Eugenius Warming, sendo pioneiro, está referenciado no último lugar, por causa da ordenação onomástica dos verbetes.

(Edson Nery da Fonseca — Universidade de Brasília).